

VILÉM FLUSSER Do supérfluo.

O ambiente no qual está sendo escrito este artigo é um terraço de um hotel na Suíça, portanto um ambiente no qual o supérfluo reina. E se, segundo Ortega, este artigo é "este artigo y su circunstancia", há nele algo de su p^{er}fluo no qual ocorre. Em outras palavras: nada é mais autêntico que a preocupação supérflua com o problema do supérfluo, se este caracteriza o ambiente.

Obviamente, o termo é relativo, e isto em duplo sentido: algo é supérfluo com relação a uma medida, (à qual faz extravasar), e a medida, por sua vez, é relativa a uma escala, (ao longo da qual mede). Se portanto afirmarmos que algo é supérfluo, (por exemplo os peixinhos dourados neste terraço), a afirmativa pressupõe uma medida e uma escala, e pode ser compreendida e criticada apenas por quem aceitar o pressuposto. Um medir, (valorar), sem pressuposto não é possível, não pode haver uma ética e filosofia do valor que seja isenta de preconceito. O problema do supérfluo, (e do seu oposto, da carência), não pode ser tratado com isenção de ânimos, já que se trata de problema valorativo. Quem pretender a uma objetividade perante tais problemas, pode apenas tentar não confessar seus preconceitos, (perante os outros ou perante se mesmo). Nenhuma quantidade de technicalização pode, por exemplo, alterar o fato de ser o problema da carência um problema ético, e as ciências econômicas e políticas são monstros filosóficos, desde que se entenda por "ciência" um saber despreconhecido. A impossibilidade de uma observação objetiva de fenômenos econômicos e políticos ressalta da afirmativa de ser este terraço suíço um ambiente no qual o supérfluo reina. A afirmativa tem sentido, (e é correta), desde que tomemos como medida e escala os valores latino-americanos. Mas não terá sentido, se quisermos falar sem "hotel de luxo" em termos objetivos. Em opções econômicas e políticas, (como eleições e revoluções), os partidos em contenda possuem invisíveis e divergentes Guides Michelin nos bolsos.

Mas certamente estas considerações ultrapassaram o alvo? Por certo o homem é condicionado pela chamada "natureza", por exemplo pelo fato de ser mamífero, e este condicionamento é comum a todos os homens? Pois tal condicionamento universal fornece por certo medidas objetivas, de modo que se pode falar objetivamente em carência e supérfluo de determinados produtos para mamíferos da espécie humana? Podemos por exemplo afirmar objetivamente, que a partir de um determinado ponto é supérfluo para o homem ingerir mais calorias? E neste sentido uma ética objetiva seria, afinal das contas, viável? Mas acontece que o homem é determinado pela natureza de forma problemática e curiosa. Faquires por exemplo podem reduzir a quantidade de calorias necessárias de forma impressionante, (para não falar no acrobata da fome de Kafka). Por outro lado continua sendo verdade que a tentativa de medir a situação alimentar da Índia com medidas de faquires e dizer que lá reina o supérfluo seria "objetivamente" antipático a ponto de ser criminoso. De maneira que devemos admitir uma problemática objetividade como meta inalcançável de preocupações deste tipo.

VILÉM FLUSSER

O fato de ser a objetividade em problemas económicos inalcançável, (embora desejável), ficou esquecido desde o século 18, o qual iniciou assim chamado "progresso" com suas estatísticas parodiando a objetividade. Quis a diferença entre o Ocidente moderno e o Oriente a-histórico pode assim ser articulada: o Ocidente procura objetivar todos valores, (tomando por base as medidas "naturais"), e procura dilatar progressivamente essas medidas graças à tecnologia. O Oriente, por sua vez, procura relativizar até as medidas "naturais" e diminuir-as regressivamente graças à asquese. (Duas concepções opostas da felicidade). Por certo: a oposição entre Ocidente e Oriente não é tão simples, e o cristianismo é um fenómeno que a confunde. É muito difícil avaliar o seu papel dentro do contexto ocidental deste ponto de vista. Porque o cristianismo afirma de um lado, que comparados com a salvação da alma todos os bens são luxo supérfluo, e de outro lado articula uma "história sacra", e quem diz "história" necessariamente implica progresso. Que a posição de cristianismo no contexto da ética seja eliminada destas considerações, por ser demasiadamente complexa.

"Progresso" significa pois, visto assim, aproximadamente isto: aumentar medidas ao longo de uma escala dada, (a saber dada pela "natureza"). E isto implica, por sua vez, em constante transformação do supérfluo em necessário, e na criação de carências sempre novas. Isto pode ser demonstrado com facilidade. A electricidade era, no século 15, supérflua a tal ponto que a humanidade vivia sem ela sem se dar conta disto. O progresso a transformou no século 20 em tamanha necessidade, que grande parte da humanidade sofre agudamente carência de electricidade. Diz-se-ia que o progresso transformou a electricidade em necessidade quase-natural do homem. Mas é preciso admitir que este processo progressivo se dá dialecticamente em zigue e zague. A iluminação a gás já foi supérflua, passou a ser necessária e havia carência dela, e voltou a ser supérflua novamente. Electricidade como zigue, iluminação a gás como zague, e o hegelismo-marxismo como teoria preferencial do progresso. (Embora a dialéctica ponha em questão as medidas crescentes e a maneira como crescer, mas não a escala ao longo da qual crescem. Porque isto implicaria pôr em questão a própria dialéctica, portanto metafísica, e isto é, como se sabe, obscurantismo).

No entanto, dentro do contexto destas considerações não se pode não pôr em questão a escala mesma. Da seguinte forma: embora estejamos dispostos a concordar com os progressistas, (pelo menos parcialmente), que a radical relativização das carências, (à la faquir), é desprezível, devemos por certo admitir que algo se dá com as medidas no processo de sua ampliação que problematiza a sua escala. Por certo, não é a mesma coisa ampliar a medida das calorias de 3000 para 5000, e de 5000 para 50.000, por exemplo? Por certo, dá-se aqui um salto do quantitativo para o qualitativo, que diz respeito, não é medida, mas é escala mesma. Por tanto um salto que é "metafísico", embora em sentido não muito elegante. (Porque um devorador de chamilly não é um espectáculo metafísico elegante). ~~É um devorador de livros de quadr~~

VILÉM FLUSSER

físico elegante. Nam, aliás, um devorador de livros, quadros ou de "valores transcendentais". Tal salto do quantitativo para o qualitativo não põe em questão apenas medidas, mas também as escalas, (inclusive a "natural"), e problematiza a justificação do progresso. Incluaive daquele progresso elegante que aumenta as medidas da cultura. Problematisa o princípio que transforma o supérfluo em carente.

Pois tais considerações abrigam no seu seio uma abstração perigosa. A verificação do absurdo do progresso como aumentar de medidas implica o pseudo-franciscanismo de uma parte da juventude da atualidade. Embora essa juventude hippie pareça insistir na qualidade concreta da sua vivência, é vítima da abstração mencionada. Porque qual é, afinal, o resultado concreto das considerações apresentadas? Que a partir de um determinado ponto, de difícil definição, o progresso, (não importa que progresso), se torna absurdo. Isto implica que "progressismo" não é um programa generalizável. Mas isto não implica a afirmativa abstrata que todo progresso é absurdo. Pelo contrário: implica que o absurdo do progresso se revela apenas a partir de um determinado ponto, ponto esse alcançado pelo progresso. E esse ponto se localiza aproximadamente naquele lugar, no qual são satisfeitas as carências "naturais" do homem. De forma que a conclusão concreta dessas considerações é esta: o progresso que satisfaz as carências naturais é uma libertação das determinações humanas, e tem pleno sentido. A partir daí perde sentido, e é absurdo. Em outras palavras: em situação subdesenvolvida o progresso tem, em desenvolvida não tem sentido.

Pois tudo isto é óbvio para um subdesenvolvido crescendo em terraço suíço com peixinhos dourados e tudo. Mas merece ser dito, já que obviamente o progresso funciona melhor em lugar do supérfluo que da carência, e revela portanto concretamente seu caráter absurdo. O subdesenvolvido pode perfeitamente simpatizar com o nojo do desenvolvido das massas de chantilly (e da religiosidade). Mas não pode simpatizar com o movimento hippie. Porque não pode esquecer com a mesma facilidade as carências "relativamente absolutas" que sofre a grande maioria da humanidade.